

O DIGITAL COMO LUGAR PARA COLETIVOS DE ESCRITA FEMINISTA

The digital as a place for feminist writing collectives

El espacio digital como lugar para colectivos de escritura feminista

Paula Daniele Pavan¹

Resumo: Este texto tem o objetivo de abordar o modo como as redes digitais podem se tornar lugares para materialidades discursivas produzidas por coletivos de escrita feminista. Para tanto, inicialmente, o texto trabalha os conceitos de escrita, coletivos e digital através de articulações; e, após, apresenta uma análise discursiva de uma publicação do Coletivo Escrevientes em sua página no Instagram. O percurso realizado no texto demonstra que os espaços digitais podem ser apropriados por grupos sociais para fazer circular sentidos historicamente silenciados, trazendo à tona uma literatura feminina de base feminista através da produção, circulação e leitura de textos escritos por mulheres.

Palavras-chave: Digital. Escrita feminista. Análise do Discurso Materialista. Coletivos.

Abstract: This text aims to address how social networks can become places for discursive materialities produced by feminist writing collectives. To this end, the text initially works the concepts of writing, collectives, and digital through articulations; and then presents a discursive analysis of a publication by Coletivo Escrevientes on its Instagram page. The path taken in the text demonstrates that digital spaces can be appropriated by social groups to circulate historically silenced meanings, bringing to light a feminist-based women's literature through the production, circulation, and reading of texts written by women.

Keywords: Digital. Feminist writing. Materialist Discourse Analysis. Collectives.

Resumen: Este texto pretende abordar cómo las redes digitales pueden convertirse en lugares de materialidades discursivas producidas por colectivos de escritura feminista. Para ello, inicialmente, el texto trabaja los conceptos de escritura, colectivos y digital a través de articulaciones; y, posteriormente, presenta un análisis discursivo de una publicación del Colectivo Escrevientes en su página de Instagram. El recorrido del texto demuestra que los espacios digitales pueden ser apropiados por grupos sociales para hacer circular significados

¹Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), atuando no curso de Relações Públicas e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas. E-mail: paulapavan@unipampa.edu.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9882497357887122> Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-2891-638X>.

históricamente silenciados, visibilizando una literatura de mujeres con base feminista a través de la producción, circulación y lectura de textos escritos por mujeres.

Palabras clave: Digital. Escritura feminista. Análisis del Discurso Materialista. Colectivos.

Introdução

Não é novidade afirmar que as tecnologias de informação e comunicação afetam o modo como vivemos, desde os primórdios do surgimento da internet e da possibilidade de termos acesso a computadores, notebooks e celulares, vemos que os modos de ser e estar no mundo vêm se alterando. Conforme já afirmava Castells (2003), ao definir no início do século XXI, que estávamos adentrando na “sociedade em rede”: “Uma nova forma social, a sociedade em rede, está se construindo em torno do planeta, embora sob uma diversidade de formas e com consideráveis diferenças em suas consequências para a vida das pessoas, dependendo de história, cultura e instituições (Castells, 2003, p. 225).

Essa “nova” forma de viver ressignificou e transformou diferentes searas, a começar pela pessoal e íntima - em que aplicativos ditam o ritmo de relacionamentos e borram as fronteiras entre público e privado - até a profissional e acadêmica em que é possível trabalhar em tempo real com times ao redor do mundo, produzir/editar conteúdos e textos de forma colaborativa, compartilhando-os gratuitamente na nuvem.

Nessas áreas afetadas, encontra-se a produção de textos verbais, imagéticos, visuais e sonoros. E mais especificamente com relação aos textos verbais/escritos, com o impacto da digitalização, o gesto de escrever sofreu modificações que incluem sobretudo a disponibilidade de diferentes suportes e ferramentas de criação, edição e compartilhamento, o uso de abreviaturas, emojis e o surgimento de neologismos e, mais recentemente, a sua automatização pelo uso da Inteligência Artificial Generativa, em que softwares escrevem textos a partir de simples comandos.

Nesse cenário, diferentes grupos e movimentos sociais passaram a se apropriar também de mídias sociais, como Facebook e Instagram, criadas principalmente para o compartilhamento de textos em diferentes formatos, conforme defende Dias (2023, p. 19): “na internet é a circulação que rege a formulação dos discursos, uma vez que a circulação é inerente a sua materialidade. Pelo digital, formulamos para circular.”. É o que ocorre, por exemplo, com os coletivos de escrita e, mais precisamente seguindo a abordagem deste trabalho, com os coletivos de escrita feminista, que encontram na rede um lugar para compartilhar seus textos,

promovendo a constituição, formulação e circulação (Orlandi, 2008) de discursos antes restritos aos recônditos espaços em que as mulheres, historicamente, escreveram e ainda escrevem.

É nessa esteira que o Coletivo Escrevientes (@coletivoescrevientes), iniciado em 2021, significa a escrita como forma de “existir e resistir”, colocando em movimento a escrevivência de Conceição Evaristo, que, na voz do Coletivo, busca abarcar a luta das mulheres por um espaço de produção de sentidos no digital. Conforme abordei em outro texto (Pavan, 2023), a escrita no Coletivo é significada como uma ferramenta de união, luta e resistência, a qual, finalmente, graças à circulação no espaço digital, encontra leitoras e leitores. Assim, pude observar que “não é qualquer escrita que se espera do/no Coletivo, mas uma escrita de ruptura, que revele sentidos invisibilizados pela ideologia dominante” (Pavan, 2023, p. 150).

Este texto busca, então, refletir sobre o funcionamento da escrita dessas mulheres a partir de recortes do perfil do Coletivo no Instagram, analisando como esse grupo lança mão da escrita literária a fim de esteticamente denunciar a opressão, a violência e o silenciamento, colocando em circulação textos que, outrora, não tínhamos acesso. Para tanto, inicialmente apresento a relação entre a escrita, a criação de coletivos e o digital. Após, sustentada nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso Materialista articulada por Michel Pêcheux, passo à análise debruçando-me sobre um recorte que versa sobre o *Processo Criativo* de um dos contos publicados pelo Coletivo na obra *De Corpo Inteiras* (2021).

Escrita, Coletivos e Digital: articulações

Para pensar a escrita, primeiro tópico desta seção, é necessário também entender o que estamos considerando como *texto*, visto que esse conceito não é definido igualmente nas diferentes vertentes da linguística.

Sob a ótica da Análise do Discurso Materialista, entendemos o texto como um objeto que lineariza saberes que entrelaçam inextricavelmente elementos internos e externos. Os elementos internos dizem respeito à língua em sua sintaxe, referindo-se ao modo como o texto está organizado e estruturado seguindo uma sequência que permite compreendê-lo; já os elementos externos referem-se ao sujeito que enuncia e ao contexto como um todo (condições de produção), envolvendo tanto o aqui, o agora e os interlocutores quanto as condições sociais, históricas, ideológicas e culturais em que essa enunciação acontece. Assim, conforme Indursky (2009, p. 117-118), o texto pode ser entendido

como uma materialidade de dupla face: de um lado, temos um texto empírico dotado de uma superfície lingüística que tem começo, meio e fim, fechado em si mesmo. De outro lado, temos um texto tomado como uma materialidade discursiva, aberto à exterioridade, ao interdiscurso e afetado por suas condições de produção e cujo sentido permanece indeterminado.

É por essa *dupla face* que o texto funciona e produz sentidos, abrindo-se, conforme a autora, à exterioridade pelas condições de produção. Assim, seguindo o que explica Indursky (2009), o texto em sua materialidade estabelece uma série de relações que vão desde a sua organização enquanto tal até a relação com outros textos e outros discursos. Ou seja, o texto vai abrindo-se à medida em que consideramos não somente o que ele diz explicitamente, as palavras e sua organização, mas também aquilo que ele deixa subentendido, não dito, fazendo com que a leitura e a interpretação dependam da mobilização desses sentidos e saberes que já foram significados, ditos em outros lugares por outros sujeitos, em outras conjunturas.

Dessa forma, acompanhando ainda o que propõe Indursky, o gesto de escrever um texto envolve muito mais do que a língua em si mesma, enquanto sistema, ou a necessidade de seguir parâmetros de organização textual. E por isso mesmo, conforme propõe a autora, esse gesto deve ser pensado como *escritura*, isto é, um gesto que mobiliza não somente a língua, mas também a história dos sentidos. Em suas palavras: “a organização do texto se faz sobre sua **superfície lingüística** e diz respeito à **escrita** do texto. Já a textualização da exterioridade no interior do texto remete à **materialidade discursiva** e se refere a seu processo de **escritura**.” (Indursky, 2009, p. 119, grifos da autora).

Nessa perspectiva, a *escritura* ocorre quando o sujeito, em decorrência da interpelação ideológica e dos esquecimentos que o afetam, posiciona-se e mobiliza saberes e sentidos já ditos, atualizando-os linguisticamente através da escrita.

Em seu trabalho discursivo de escritura, o sujeito-autor recorta muitos saberes de diferentes redes discursivas afetadas por diferentes formações discursivas e diferentes posições-sujeito, mobilizando, desta forma, diferentes subjetividades provenientes do interdiscurso. Após recortar estes saberes, cabe ao sujeito-autor organizar toda esta alteridade e seus diferentes sentidos a partir de seu lugar discursivo, dando-lhes uma configuração textual da qual decorre a direção de sentidos do texto que deve estar em consonância com a formação discursiva com a qual se identifica (Indursky, 2009, p. 124)

Nesse trabalho de costura, comparação bastante ilustrativa do trabalho de coser do sujeito ao exercer a autoria de um texto, o sujeito posiciona-se, filia-se a uma rede de sentidos que colocam o seu texto em um ou mais campos de saberes, ou Formações Discursivas (FDs),

que vão determinar o modo como ele se significa no mundo e, por conseguinte, suas palavras, pois a formação discursiva “a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina *o que pode e deve ser dito*” (Pêcheux [1975] 2009, p. 147, grifos do autor). Desde essa concepção, um texto nunca é só língua, escrever nunca é só sintaxe, organização, estrutura e regras. Escrever envolve o sujeito como um todo, o corpo, a vida, os sentimentos, as lutas, as experiências e as dores.

E é por essa via que busco abordar a escrita de mulheres, uma escrita dolorosa, viva e de resistência, conforme defendem Anzaldúa (2000) e Marim (2020).

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (Anzaldúa, 2000, p. 232).

Ao se questionar sobre o seu ato de escrever, Anzaldúa (2000) afirma que a escrita está relacionada com a sobrevivência e a resistência (*escrever para manter a vida, para manter o espírito de revolta, escrever sobre o não dito, reescrever histórias...*), numa relação que coloca em cena excessos (*escrever para colocar ordem no mundo*) e faltas (*escrever para compensar o mundo real, aplacar a fome, lutar contra o apagamento...*). Assim, a escrita na voz da autora, não tem a ver com seguir regras, pelo contrário, tem a ver com subvertê-las, enfrentando o medo, porque o medo de não dizer, de ser impedida, é maior do que o de dizer.

Marim (2020) faz coro ao que Anzaldúa traz ao abordar a escrita viva, afirmando que o que a autora “nos oferece, na verdade, é uma metodologia de escrita viva, para nos mantermos vivas.”. Nesse sentido,

a escrita não é apenas veículo de transmissão de ideias ou uma simples ferramenta para a análise e defesa de argumentos e teorias. Sobretudo, ela é um caminho para construir e visibilizar a luta política, social e epistêmica das mulheres de uma maneira geral e no caso das latinas, das mulheres de cor, das asiáticas e indígenas uma forma de mantê-las vivas (Marim, 2020, p. 296)

Por essa perspectiva, a escrita de mulheres relaciona-se diretamente com a manutenção do viver, porque é através da escrita que ela pode se subjetivar à sua maneira, escrevendo aquilo que está entalado, que não foi dito, que não há para quem dizer... o papel ouve, aceita e acolhe essa necessidade do dizer.

Seguindo nessa direção, o *Dicionário Crítico de Gênero* (2019) define a escrita feminina² como uma “escrita sobrevivente”, “uma respiração” e “Uma escrita desaprisionada” (Tayassu, 2019, p. 215 e 216), que evidencia “as relações de gênero e as de poder” (Tayassu, 2019, p. 213) e desestabiliza o que historicamente foi definido como “a Literatura”.

Na História da Humanidade, a Literatura foi e perdura como uma das aventuras próprias ao Espírito, como ela é também uma experiência intelectual e uma atividade transcendental. No entanto, a Literatura também foi uma ocupação, especialidade e profissão destinada exclusivamente aos homens. **Essa Literatura fez-se masculina e hegemônica. Tornou-se referência: descrita, historiografada, (re)produzida e institucionalizada por homens, embora ninguém a denomine ‘literatura masculina’. Ela é literatura, e ela se projetou como “a Literatura”** (Tayassu, 2019, p. 213-214, grifos meus)

Às mulheres historicamente foi negado, portanto, o lugar de escritora, de autora, de literata, na medida em que “a Literatura”, com artigo definido e com maiúscula, foi dominada majoritariamente por homens, predomínio esse que foi se sedimentando na memória histórica como algo óbvio, como se não pudesse ser de outro modo. Quando podiam, as mulheres escreviam à margem, produzindo “uma literatura”, grafada com artigo indefinido e com minúscula, menor, inferior, sem prestígio para ascender.

É para isso que também aponta o *Dicionário da Crítica Feminista* (2005) ao definir o verbete:

² Neste texto, considero que a escrita feminina e a escrita feminista estão associadas. Mais adiante trago a distinção entre literatura feminina e literatura feminista.

O conceito de escrita feminina traduz igualmente a existência de uma *tradição alternativa* à cultura literária homológica e patriarcal, ou de uma ‘escrita ao avesso’, isto é, ‘o inverter da tradição, ou a tradição vista do lado errado, quer seja de pernas-para-o-ar, quer às avessas’ (Souza Santos, 1997: 22) mas sempre sublinhando a *obliquidade* em que se estrutura a relação que as mulheres mantêm com a linguagem, a cultura e o poder dominantes (Macedo; Amaral, 2005, p. 51-52).

Dito de outro modo, as mulheres escrevem na contramão daquilo que se perpetua (tradição), trazendo à tona através de seus textos sentidos silenciados, não vistos, não ditos, sentidos indesejados e menosprezados pela ideologia dominante.

Em entrevista, a pesquisadora Constância Lima Duarte (2022, on-line) assinala esse silenciamento histórico ao falar sobre o lançamento, em 2022, da obra *Memorial do Memoricídio*:

se você pega qualquer grande história da literatura brasileira, parece que não existe mulheres no século XVII, XVIII e XIX, só homens. Só os homens escreveram. Sim, era outra vida que as mulheres levavam, claro, mas, existiram as escritoras. Algumas, apesar de tudo e todos, apesar das limitações, do preconceito, algumas romperam esse preconceito, esse círculo vicioso em que estavam. ‘Mulher só tem que casar’, ‘mulher não tem que aprender a ler e escrever’ etc. etc., e publicaram. Publicaram romances, contos, novelas, peças de teatro. Só que suas obras desapareceram, e quando eu falo de *memoricídio*, quer dizer, as mulheres sofreram, essas primeiras escritoras foram apagadas da história, foram apagadas da memória oficial, não entraram em livros nenhum, em dicionário nenhum. Se você olha nos grandes historiadores, parece que a participação da mulher na literatura começou nos anos 1930. [sic] (Lima Duarte, 2022, on-line)

Conforme observamos, a autora menciona tanto o apagamento das mulheres da/na história da literatura quanto o modo como as mulheres resistiram a esse sistema opressor, que não parou de (re)produzir outras/novas formas de exclusão. Além disso, leva-nos a compreender não só a urgente necessidade de reconstruir essa história, como também de existirem lugares de escrita e de leitura em que as mulheres possam, finalmente, enunciar.

Eis, então, que é nos coletivos o lugar em que muitas mulheres vêm encontrando espaço para adentrar no universo da escrita e da literatura. Sobre isso, a escritora brasileira Jarrid Arraes - ao falar na *Revista Elle* sobre a criação, já em 2015, do *Clube da Escrita Para Mulheres* - afirma que os coletivos funcionam como “rede de suporte mútuo e luta coletiva” e unem as mulheres por aquilo que elas possuem “em comum”:

Com o Clube da Escrita Para Mulheres, **vi na prática e escutei entre lágrimas e vozes trêmulas fatores que nos unem como mulheres.** Realidades em comum num mundo ainda dominado pelos homens, ainda comandado por sudestinos, ainda cheio de barreiras para que mulheres publiquem, sejam lidas e levadas a sério. Por mais que uma seja negra e outra branca, por mais que uma seja bissexual e a escritora ao lado seja heterossexual, ou ainda que uma venha do Norte do país, por mais que muitas morem em bairros ditos nobres e outras enfrentem o transporte público, vindo das periferias diversas, para chegar até os encontros do Clube, **compartilhamos incômodos que tentam nos silenciar, mas acabam nos fazendo encontrar outras como nós. Porque estamos em busca desse sentimento poderoso que é estar em grupo e saber que nossas questões profundas são compartilhadas por outras. Porque quando nos encontramos, tomamos coragem para ler nossas criações em voz alta e identificamos nos textos umas das outras centelhas que nos fazem sentir vivas, inspiradas, encorajadas, nós sabemos que somos parte de algo grande. E que importa. Mesmo com todas as nossas diferenças, que são reais, temos um universo em comum** (Arraes, 2023, on-line, grifos meus).

Neste trecho, Arraes destaca que embora existam diferenças raciais, de gênero, sociais, econômicas e culturais entre as mulheres, ainda o que as une é mais forte, pois enquanto mulheres estão em uma relação de submissão na sociedade patriarcal em que vivemos. Assim, os coletivos - que podem ser definidos como “modos de organização de movimentos sociais, manifestações, protestos, reivindicações, e também diversas formas de trabalho em grupo.” (Horta Nunes, s.d., on-line) - configuram-se para as mulheres como espaços seguros para falar, escrever, ler, ouvir e serem ouvidas e lidas.

Sobre essa forma de união, Federici (2018, on-line) afirma que “novas formas de cooperação social estão sendo constantemente produzidas, inclusive em esferas da vida em que antes não existia nada, como por exemplo a internet”. Assim, a autora apresenta, através de uma série de exemplos, iniciativas de mulheres na criação de formas “comuns” de organização da vida cotidiana, uma “perspectiva feminista dos Comuns” em que

a ‘comunização’ dos meios materiais de reprodução é o mecanismo principal pelo qual são criados interesse coletivo e laços mútuos. É também a frente da resistência a uma vida de escravidão, e condição para a construção de espaços autônomos que minam por dentro as garras do capitalismo sobre as nossas vidas (Federici, 2018, on-line).

Quer dizer, tornar comum aquilo que o capitalismo paulatinamente diz que é privado, exclusivo, restrito, é uma forma de resistência e de solidariedade que conecta as pessoas para ajudá-las a viver melhor, em especial, no caso das mulheres, faz com que, por exemplo, o trabalho doméstico ou de cuidado, historicamente a cargo das mulheres, possa ser reconhecido e partilhado. Embora Federici não mencione a esfera dos coletivos de escrita de mulheres,

entendo que é nesse sentido que esses espaços funcionam, pois unem as mulheres em prol de um objetivo comum: ler, escrever e publicar de forma compartilhada.

É o que apresenta a reportagem *Coletivos literários funcionam como ferramentas de inserção no mercado editorial* de Beatriz Sardinha, para o *PublishNews*, em 2023. Através de relatos de diferentes mulheres participantes e fundadoras de coletivos de escrita, a matéria ressalta a importância que esses grupos têm desde o acolhimento e incentivo a escrever até a ajuda financeira para publicar e participar de eventos literários.

Vejamos alguns trechos:

‘Para a literatura feminina, a gente percebe um movimento pujante de se mostrar. Nós mulheres fazemos literatura e queremos estar aqui. E sabemos produzir’. Passamos muito tempo com esse ‘fazer’ abafado e tivemos espaços negados. Nós nos unimos para isso’ (Wilma César, *Mulherio das Letras*, Sardinha, 2023, on-line)

Carla Guerson afirma também que os grupos emprestam relevância no envio de textos e trabalhos para revistas literárias, e na inscrição para participar de grandes eventos como a Flip, por exemplo. ‘Como coletivo, a gente se inscreve no setor de autoras independentes. E há um custo. Quando nos dividimos, conseguimos pagar a inscrição e participar do evento e num evento de grande porte, podemos divulgar e vender nossos livros’ (Carla Guerson, *Escrevíveis*, Sardinha, 2023, on-line)

Carolina vê como ‘fundamental’ na literatura atual a maneira independente de produção dos coletivos: ‘Não é fácil entrar numa editora, a gente trabalha com editoras de pequeno e médio porte, que têm uma responsabilidade nas vendas. É um modelo que onera muito’. E afirma que as publicações dos grupos são uma forma de mostrar que eles não atuam conforme a lógica imposta pelo mercado (Carolina Pessoa, *Sabático Literário*, Sardinha, 2023, on-line).

Como podemos observar, os coletivos dão força às mulheres para que não só escrevam seus textos, mas sobretudo para que façam essas escritas circularem, a despeito da lógica do capitalismo e das grandes editoras. Dessa forma, os coletivos surgem como uma forma de solapar o sistema patriarcal e capitalista que está atrelado à literatura. E é o que aponta Federici (2018, on-line), citando Maria Mies, “a produção dos Comuns requer, primeiro, uma profunda transformação em nossa vida cotidiana, de modo a recombinar aquilo que foi separado, no capitalismo, pela divisão social de trabalho.”. Ou seja, transformar *Um teto todo seu* para *Um teto todo nosso*, retomando o título do tão importante livro de Virginia Woolf, assim como o

fez a Escola de Escritoras³ em suas coletâneas de contos intitulada *Um teto todo nosso: narrativas curtas*.

Aqui pode estar, portanto, “uma base para a solidariedade entre mulheres” (hooks, 2022, p. 34), que ajuda mulheres a se libertarem e a se apoiarem mutuamente.

Essa base se apoiou em nossa crítica do que então chamávamos de ‘o inimigo interno’, em referência ao nosso sexismo internalizado. Sabíamos, por experiência própria, que, como mulheres, fomos socializadas pelo pensamento patriarcal para nos enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens, para nos ver, sempre e somente, competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio. [...] A ligação entre mulheres não era possível dentro do patriarcado; era um ato de traição. Movimentos feministas criaram o contexto para mulheres se conectarem. Não nos juntamos para ficar contra os homens; juntamo-nos para proteger nossos interesses de mulher (hooks, 2022, p. 34-35)

Conforme lemos em hooks, que narra como o movimento feminista teve seu firmamento nas décadas de 1970 e 1980, a solidariedade é crucial para que as mulheres ocupem espaços na sociedade, e é o que os coletivos de leitura e escrita de mulheres vêm fazendo, unindo-se para ler, escrever e compartilhar seus escritos.

Assim, se fosse preciso definir uma palavra-chave para os coletivos, esta seria: *compartilhamento*. Isso na medida em que é pelo ato de compartilhar suas escritas e vivências que as mulheres estabelecem interlocuções, que a alteridade pode efetivamente se materializar. Conforme destacam Agustini e Grigoletto (2008, p. 146), o “sujeito busca, sobretudo na escrita de si, uma maneira de construir sua identidade, através da memória e das relações de identificação com o outro, num constante movimento entre a singularidade e a alteridade”. Assim, ao se subjetivar pela escrita, as mulheres se posicionam, interpretam a si e ao mundo, e quando isso ocorre no coletivo, o efeito pode ser catártico no sentido em que há o compartilhar das vivências, das alegrias e das dores.

Essas práticas vêm encontrando terreno fértil no digital, que, conforme Dias (2016, p. 09), “produziu uma mudança na discursividade do mundo”, deslocando “o modo de significação, produzindo uma forma material outra, porque inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção” (Dias, 2016, p. 10-11). Quer dizer, o digital altera nossas práticas sociais e culturais, muda nossa forma de ler, escrever e interagir,

³ Disponível em: <https://escoladeescritoras.com.br/> Acesso em: 19 mai. 2025.

impulsiona o modo como acessamos, produzimos e compartilhamos informações e conhecimentos, dentre tantas outras transformações que ainda nem surgiram.

Sobre essa mudança, Paveau (2021, p. 27) afirma que:

Qualquer que seja o nome, revolução, transformação ou conversão, as ações e **os efeitos do digital estão aí, o uso das tecnologias digitais, da internet e dos objetos conectados sendo progressivamente integrados a nossas existências**, pelo menos nas áreas culturais, sociais e geográficas nas quais as ferramentas informáticas e as tecnologias digitais puderam se desenvolver; de fato, não se deve esquecer que **o digital**, como a democracia ou a sexualidade, **é uma noção profundamente situada e não comporta nenhuma universalização** (grifos meus)

Assim, devemos considerar que o digital ao mesmo tempo em que abre espaço para a constituição e circulação de novas e outras discursividades também comporta opacidades e contradições. Afinal, as mídias digitais também são serviços oferecidos por grupos bilionários que detém, de certa forma, domínio sobre os conteúdos que são ali produzidos. Então, ao mesmo tempo em que nos libertamos de algumas amarras, que impedem nosso dizer de circular, nos subjugamos a outras para fazê-lo. Em suma, o digital e os seus efeitos não são óbvios, transparentes e inequívocos.

Acerca dessa complexidade, Doueiri (2023, p. 11-12) questiona, em seu livro *O que é digital?*:

‘Digital’ é uma palavra que rapidamente passou para o nosso vocabulário. Mas o que será que designa exatamente? Como entender e definir este objeto, este fenômeno que parece destinado a transformar nosso cotidiano a reconfigurar a nossa realidade? Os dicionários continuam perplexos diante do digital, e as suas definições apenas remetem o mais das vezes para o aspecto etimológico e técnico - um setor associado ao cálculo, ao número - e sobretudo aos dispositivos opostos ao analógico.

Conforme lemos neste trecho inicial da obra, o autor questiona-se acerca dos sentidos para esta palavra tão corriqueira e ao mesmo tempo com uma densa espessura histórica. Para o autor, o digital provocou uma “mutação global” e “uma transformação cultural” que operou “rugas numa continuidade aparente, relativas a valores, objetos e práticas culturais” (Doueiri, 2023, p. 12) “uma ruptura com algumas das nossas práticas eruditas; ele fragiliza radicalmente nossas tradições jurídicas, os nossos modelos econômicos e a nossa relação com a escrita e tudo quando ela autorizou e tornou possível” (Doueiri, 2023, p. 13)

É, portanto, a questão da “rutura” abordada por Doueih (2023) que interessa considerar quando se trata dos coletivos de escrita de mulheres no digital. Isso na medida em que o digital, ao potencializar a circulação desses escritos e conectar, pela leitura e escrita, uma rede de mulheres, pode operar uma quebra na ordem da tradição literária dominada por textos masculinos.

Então, não sem contradições, o digital tornou possível às mulheres se conectarem em suas histórias, ficcionais ou não, podendo produzir uma ruptura nos modos de produção, circulação e leitura de textos, trazendo à tona uma literatura feminina de base feminista, ou uma literatura feminina/feminista, que foi historicamente silenciada e soterrada pelo cânone literário dominado sobretudo por homens. Para definir o que seria a literatura feminista recorro ao que diz Anne Sletsjøe (2004) no texto *Vale Abraão – uma narrativa feminina, ou feminista?*: “a literatura feminista tem um programa político, ou até revolucionário. [...] representa a tomada de posição estética-literária destinada a alterar a sociedade, consciencializando os seus leitores das condições de vida - histórica ou contemporânea - da população feminina” (Sletsjøe, 2004, p. 46). Já quanto à literatura feminina, a autora diz que se caracteriza como “‘o sentido básico’, equivalente a de ‘autoria feminina’” (Sletsjøe, 2004, p. 45). Assim, neste texto, entendo que não podemos tomar as palavras “feminina” e “feminista” uma pela outra, mas que elas podem (e devem) estar juntas nos textos escritos por mulheres, tornando possível uma literatura feminina/feminista, uma literatura de mulheres posicionadas política, social e culturalmente.

Voltando à questão do digital como um meio para a potencialização da circulação desses textos, é preciso dizer que, indiscutivelmente, os espaços digitais não são desprovidos da luta de classes e das relações desiguais já vividas, não podemos nos deixar seduzir achando que não existem jogos de força e relações de poder, mas é também inegável o fato de que a possibilidade de se apropriar das mídias digitais para nelas enunciar possibilitou a constituição de lugares de dizer, fazer e ser antes impensados. Conforme defendo em outro texto (Pavan, 2017, p. 44), baseando-me na discussão de Mittmann (2011), com o digital “A cena onde se trava a luta de classes ganha novos elementos, novas ferramentas, afetando as forças produtivas e as relações de produção”, ou ainda, “a internet apresenta-se, na estrutura da formação social, como um espaço onde há a possibilidade para a circulação de manifestações interditas em outros lugares”. Essa é, pois, a contradição que se materializa no digital, em que posições que se aliam, divergem e se opõem são atravessadas pela lógica não só do capital, mas também pela lógica algorítmica. No que se refere à literatura feita por mulheres, essa contradição se processa, por

exemplo, no fato de que - à revelia do cânone literário, das grandes editoras e dos veículos tradicionais de mídia, que selecionam, incluem, excluem, dão voz e silenciam - os coletivos encontraram uma forma de fazer circular textos, ainda que essa circulação esteja submetida a formas de exclusão próprias do digital.

Dito isso, vejamos, a título de exemplo, algumas publicações da página no Instagram do Coletivo Escrevintes. Essas publicações mostram como, desde o início da página, há a formação de um arquivo de textos de escritoras feministas. Esse arquivo pode ser entendido, conforme a definição pecheuxtiana, como um “ ‘campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão’ ” (Pêcheux, 2010, p. 51), *pertinentes* porque fazem circular textos e obras do Coletivo, quem são as escritoras, os eventos de que participam, as lutas a que se filiam, as leituras e interpretações que fazem, materializando assim o discurso e o seu posicionamento; e *disponíveis* porque encontram nas mídias digitais uma forma de publicizar e publicar aquilo que estava outrora restrito aos documentos privados, às agendas e aos e-mails pessoais, aos drivers fechados, fazendo com que esse arquivo se exponha ao olhar leitor e que se atravessem nele diferentes formas de ler e produzir sentidos.

Figura 1 - Print de publicações da página no instagram do Coletivo Escrevintes.



Fonte: <https://www.instagram.com/coletivoescrevintes/>

Figura 2. Print de publicações da página no instagram do Coletivo Escreviventes.



Fonte: <https://www.instagram.com/coletivoescreviventes/>

Isso posto, passamos, na próxima seção, a um olhar analítico para um texto publicado no perfil do Coletivo.

Um olhar analítico para o texto

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso Materialista, tomamos como objeto de análise o texto sobre o que as autoras intitulam *Processo Criativo* do conto *Asmática*, de Carla Guerson, publicado na obra *De Corpo Inteiras* (2021).

A obra é a primeira coletânea lançada pelo Escreviventes, composta por trinta e nove contos escritos por sete mulheres participantes do Coletivo, está dividida em três partes (cabeça, tronco e membros) que representam o corpo humano, mais precisamente, o corpo feminino. Interessante destacar, diante disso, que o modo como a obra é nomeada materializa a língua em sua relação com a história, pois gramaticalmente o substantivo masculino “corpo” deveria ser caracterizado pelo adjetivo “inteiro”, que estaria flexionado em gênero e número de acordo com

o substantivo, mas não é isso que ocorre. O adjetivo “inteiras” lineariza a voz feminina, das mulheres do Coletivo, que estão por “inteiras” na obra, que se entregaram à escrita sobre o corpo, seus próprios corpos e sobre as violências sofridas. É nesse sentido que entendemos a língua na Análise do Discurso, uma língua atravessada pelos processos sócio-históricos e ideológicos, em que a sintaxe e as normas gramaticais dão inevitavelmente espaço para a exterioridade e para posicionamento dos sujeitos.

Considerando essa ótica, o conto que abordo se encontra na segunda parte da obra e apresenta uma história sobre o pulmão. Nele, a protagonista narra como tenta, em meio a uma crise de asma, avisar com gritos (que não saem) uma menina sobre uma tempestade que se aproxima, levando-a a lembrar-se de como também, quando criança, estivera em uma situação semelhante em que uma “tempestade” e “um trovão” a pegaram desprevenida e sozinha, materializando uma dolorosa metáfora sobre a violência sexual vivenciada pela personagem.

Assim, ao escrever, entendo que a autora busca dar voz às mulheres sufocadas, “sufocamento” significado pela posição-sujeito ocupada pela escritora ao dar vida à personagem, ou seja, a perda de ar está posta em uma relação metafórica em que passa a significar a opressão, a violência e o silenciamento praticados por uma sociedade misógina, machista e patriarcal.

Interessante observar, por essa ótica, que temos acesso na página do Coletivo ao que as autoras chamam de *Processo Criativo*, como se pudéssemos olhar para o avesso do texto do conto e perceber, através do relato, o percurso feito para construir o texto literário. Visto por esse ângulo, o processo criativo funciona como se fosse o bastidor, o *making off*, aquilo que está por trás, sustentando o que foi dito e o porquê foi dito, fazendo perceber que a criatividade se relaciona com o posicionamento do sujeito ao lançar gestos de interpretação que podem levar a uma mexida na rede dos sentidos, que podem trazer sentidos antes invisíveis, não ditos, silenciados e/ou que não circulam tanto quanto deveriam.

É para isso que aponta Orlandi (2001) ao discutir sobre os processos parafrásticos e polissêmicos, associando-os respectivamente, à produtividade e à criatividade: “Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer.”. Já na polissemia “o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco.” (Orlandi, 2001, p. 36). Logo, enquanto “a produtividade mantém o homem num

retorno constante ao mesmo espaço dizível: produz variedade do mesmo”, “a criatividade implica na ruptura do processo de produção da linguagem, pelo deslocamento das regras, fazendo intervir o diferente” (Orlandi, 2001, p. 37). Portanto, a criatividade, para efetivamente se constituir, precisa transformar, abrir brechas nos sentidos já sedimentados na história e trazer o diferente. Como, então, esse funcionamento pode se materializar na produção do Coletivo?

Vejamos o texto do *Processo Criativo* em questão:

Sou apaixonada pelas pessoas e pelo que elas carregam, os traumas, os medos, as maluquices. Gosto do diferente, do que aquela pessoa tem de especial, de triste, de nojento. O que sai do padrão, o que está oculto, o que não pode ser dito, tudo isso me interessa.

Ao escolher a parte do corpo sobre a qual eu queria escrever, eu tentava pensar o que estaria por trás daquela parte. Que história ainda não tinha sido contada por aquela personagem.

Quando escolhi escrever sobre o pulmão, a primeira coisa que eu pensei foi que não damos qualquer atenção a esta parte do corpo, até que nos falte o ar. Imaginei-me com falta de ar e busquei uma história que me trouxesse essa sensação de sufocamento. Uma mulher que grita, que perde o ar – foi o que visualizei.

E a história veio a partir daí: sou uma mulher à janela precisando gritar para que a menina corra, para que ela saia, mas não tenho fôlego para isso. Uma mulher que precisa reunir todas as suas forças para salvar a menina que um dia ela foi.

Para mim, tem um simbolismo nesse conto, que é como eu me sinto às vezes: sem fôlego, sem força para gritar. Mas, ainda sim, eu grito. Mais alto que a tempestade.

(Sic. Relato de Carla Guerson. Publicado em 18 de agosto de 2021 <https://www.instagram.com/p/CSuBwNHrf2d/>. Acesso em 10 de abril de 2025)

Ao ler o texto, é possível observar que a autora se posiciona no sentido de trazer algo “novo” sobre o “pulmão” quando diz “*Que história não tinha sido contada por aquela personagem*”, levando-nos a compreender a necessidade de contar uma história diferente das já contadas, de trazer sentidos ainda não ditos, de sair do óbvio, do parafrástico. Assim, quando afirma que “*Quando escolhi escrever sobre o pulmão, a primeira coisa que eu pensei foi que não damos qualquer atenção a esta parte do corpo, até que nos falte o ar. Imaginei-me com falta de ar e busquei uma história que me trouxesse essa sensação de sufocamento.*”, não é sobre o pulmão como órgão anatômico que interessa narrar, mas sobre o pulmão como uma forma de denunciar as violências vividas: “*E a história veio a partir daí: sou uma mulher à janela precisando gritar para que a menina corra, para que ela saia, mas não tenho fôlego para isso. Uma mulher que precisa reunir todas as suas forças para salvar a menina que um dia ela foi.*”. Temos, então, o deslizamento na/da língua, que faz emergir sentidos outros,

polissêmicos, sobre esse órgão do corpo humano, associando-o à opressão vivida pelas mulheres.

Assim, também podemos observar como vida e obra acabam se entrelaçando por meio da presença de verbos na primeira pessoa do singular (“*sou* uma mulher...”, “mas não *tenho*...”) marcando a identificação da escritora com a personagem criada. Isso na medida em que ela poderia ter dito “é uma mulher...”, “mas que não tinha...”, distanciando-se da personagem de sua história. Esse “deslize” na forma de dizer revela, pela língua, aquilo que lemos em Anzaldúa e Marin quando afirmam que escrevemos sobre a vida, nossa vida, nossas (sobre)vivências, isto é, que vida e escrita não se descolam.

Além disso, no texto se delineia uma oposição entre *opressão* (“ter fôlego”) e *resistência* (“gritar”):

“[...] sou uma mulher à janela precisando gritar para que a menina corra, para que ela saia, mas não tenho fôlego para isso.”
“[...] é como eu me sinto às vezes: sem fôlego, sem força para gritar. Mas, ainda sim, eu grito. Mais alto que a tempestade.”

Pela ótica discursiva, a língua para significar abre-se à exterioridade, fazendo com que as condições de produção sócio-históricas e ideológicas sejam intrínsecas à produção de sentidos. Então, quando nos deparamos com construções discursivas com um operador argumentativo de oposição, como é o caso do “mas” nos enunciados acima, o nosso foco recai no modo como essa palavra materializa a ideologia na língua, uma direção de sentidos, uma interpretação. Courtine (2009) nomeou esse funcionamento de “enunciado dividido”. Isso ao passo que, ao desmembrarmos o dizer, temos dois enunciados que estão ligados, via oposição ideológica. Não é, então, apenas uma questão linguística que está envolvida nesse funcionamento de oposição, mas sim uma questão de posicionamentos ideológicos, de posições ocupadas pelos sujeitos para enunciar e produzir sentidos acerca das situações vividas pelas mulheres na sociedade. Parafraseando os dizeres, baseando-me na análise de Indursky (2010) com outros enunciados, temos os seguintes dizeres (D):

- D1 “sou uma mulher à janela precisando gritar” (FD x)
- D2 “sou uma mulher sem fôlego” (FD y)
- D3 “me sinto sem fôlego, sem força” (FD x)
- D4 “grito mais alto que a tempestade” (FD y)

De um lado, no que estou considerando como uma Formação Discursiva x (FD x), temos a mulher em uma situação de opressão, que *precisa gritar* (D1), que *sente sem fôlego* (D3); de outro, na Formação Discursiva y (FD y), temos os enunciados - *sem fôlego* (D2), *grito* (D4) - que se sobrepõem e que delineiam o posicionamento com o qual a enunciativa se identifica. Assim, o “mas funciona como um operador discursivo que promove o deslizamento de uma Formação Discursiva para outra” (Indursky, 2010, p. 11), isto é, deslizamentos entre o que se pode nomear como *FD patriarcal* (FD x) e *FD feminista* (FD y). Explico: esse funcionamento permite interpretar que enquanto a FD x abriga saberes do discurso patriarcal, machista, que oprime as mulheres, que as coloca em uma situação de vulnerabilidade; a FD y carrega o discurso feminista, um discurso que resiste à opressão, que grita, mas que, contraditoriamente, ainda assim está “sem fôlego” (D2).

Será esta uma marca, um indício, de que por mais que lutemos, resistimos, ainda assim seguimos sufocadas, expostas, desprotegidas? Afinal, o cotidiano vivenciado por meninas e mulheres no Brasil é de violência. Conforme mostra o *Relatório Anual Socioeconômico da Mulher* (2025), o Brasil registrou 71.892 casos de estupro, somando 196 vítimas por dia, o que ainda representa uma queda, pois em 2023 os índices eram 1,44% maiores (Brasil, 2025, p. 109). Nos casos de feminicídio, 2023 também lidera o ranking, com 1.438 casos registrados, enquanto em 2024 foram 1.450 feminicídios (Brasil, 2025, p. 116). Com números alarmantes, a pesquisa evidencia o quanto ainda nós mulheres somos vítimas de violência e feminicídio.

Essa oposição materializa, portanto, o modo como através da escrita literária pode ocorrer a denúncia dessas violências vividas cotidianamente pelas mulheres, e mais: como a escrita pode se tornar uma ferramenta de luta e de resistência, em suma, um modo de lutar contra a morte, de manter as mulheres vivas, conforme defendem Anzaldúa (2000) e Marim (2020).

Dito isso, e encaminhando para o fechamento desta seção, outro ponto que interessa retomar é a questão da circulação desse texto no digital, isso porque a possibilidade de escrever e principalmente de postar/publicizar textos sobre o *desenvolvimento* da escrita do texto literário inaugura uma possibilidade de leitura que outrora não tínhamos acesso, ou seja, esses textos, ou rascunhos, que ficavam guardados nos arquivos privados das escritoras, através das redes digitais passam a circular e a se expor a gestos de leitura e interpretação, rompendo de certa forma com uma tradição, conforme traz Doueiri (2023). Assim, as curtidas, os comentários, as

hashtags e a possibilidade de enviar, salvar e compartilhar, elementos e práticas típicas do digital, fazem com que o texto se inscreva “numa rede de relações algorítmicas que garantem o funcionamento e a circulação, ao mesmo tempo que lhes confere características linguisticamente inéditas como a clicabilidade no plano morfolexical ou a imprevisibilidade no plano discursivo” (PAVEAU, 2021, p. 30). Ou seja, a postagem do texto funciona como um nó em uma rede discursiva, relacionando-se, integrando-se com outros.

Considerações finais

Ao longo deste texto, pudemos observar que os espaços digitais podem se tornar lugares de produção de sentidos para grupos sociais que historicamente estiveram à margem do dizer. Essas minorias, nas quais estão incluídas as mulheres e por conseguinte aquilo que elas enunciam, apropriam-se das redes para fazer circular sentidos que outrora não tiveram espaço, mas que agora podem ser lidos, ouvidos, compartilhados.

Como vimos, o Coletivo Escrevientes atua nesse sentido, trazendo à cena mulheres e suas histórias para construir uma versão feminina/feminista de literatura. Essa versão busca dar visibilidade, através do texto literário, às violências cotidianamente vividas pelas mulheres. São textos que trazem o (sobre)viver dessas mulheres em sociedade, suas lutas, suas dores e suas vitórias. Esses textos vão, portanto, (con)formando um arquivo digital de produções coletivas de mulheres, o qual tem o potencial de mexer nas redes de sentidos já estabelecidas e estabilizadas por uma literatura historicamente dominada por homens. Eis, então, não sem contradições, jogos de força e relações de poder, o potencial do digital como lugar para os coletivos de escrita feminista.

Referências

- AGUSTINI, Carmen; GRIGOLETTO, Evandra . Escrita, alteridade e autoria em Análise do Discurso. **Matraga** (Rio de Janeiro), v. 22, p. 145-156, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/27912>. Acesso em: 11 nov. 2025.
- ARRAES, Jarid. 3 lições que aprendi com o Clube da Escrita Para Mulheres. **Revista ELLE**. 26 de abril de 2023. Disponível em: https://elle.com.br/colunistas/3-licoes-que-aprendi-com-o-clube-da-escrita-para-mulheres?srsId=AfmBOopL9Mw2SrdNoFy8wXh56Hf_InK3Qe9cYoUUM64owWT9tRvsNFo8 Acesso em: 19 mai. 2025.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 229, 2000. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v08n01/v08n01a17.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2025.

BRASIL. Relatório anual socioeconômico da mulher: RASEAM / Ministério das Mulheres, **Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**. Brasília: Observatório Brasil da Igualdade de Gênero/MMULHERES, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes/raseam-2025.pdf/view> Acesso em: 19 mai. 2025.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do Discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

DIAS, Cristiane. A análise do discurso digital: um campo de questões. **Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo** (REDISCO), Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p. 8-20, 2016. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/redisco/article/view/2515>. Acesso em: 11 nov. 2025.

DIAS, Cristiane. Análise do discurso digital: a questão da memória In: CARREON, Renata de Oliveira; RUIZ, Marco Antonio Almeida; ARAUJO, Lígia Mara Boin Menossi de. (Orgs.) **Análise do discurso digital** [livro eletrônico]: perspectivas teóricas e metodológicas. 1. ed. Araraquara, SP: Letraria, 2023.

DOUEIHI, Milad. **O que é o digital**. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP) e Edições Afrontamentos, 2023.

DUARTE, Constância Lima. O resgate histórico de obras escritas por mulheres e a importância do movimento feminista – **Entrevista com Constância Lima Duarte**. Entrevista concedida a Patrícia Lessa e Andrea Conceição. Editora Lua, 24 de fevereiro de 2022. Disponível em: <http://editoralluas.com.br/2022/02/24/o-resgate-historico-de-obras-escritas-por-mulheres-e-a-importancia-do-movimento-feminista-entrevista-com-constancia-lima-duarte/>. Acesso em: 15 mai. 2025.

FEDERICI, S. **Federici**: sobre o feminismo e os comuns. Tradução de Inês Castilho. São Paulo: Elefante, 2018. Disponível em: <https://editoraelefante.com.br/federici-sobre-o-feminismo-e-os-comuns/>. Acesso em: 15 mai. 2025.

GUERSON, Carla *et al.* **De corpo Inteiras**. Coletivo Escrevientes, 2021.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 19. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

HORTA NUNES, José. Coletivo (Verbete). In: **ENDICI** - Enciclopédia Discursiva da Cidade. S.D. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete%2Fview&id=249>. Acesso em: 15 mai. 2025.

INDURSKY, Freda. A escrita à luz da Análise do Discurso. In: CORTINA, Arnaldo; NASSER, Sílvia Maria Gomes Conceição. (Org.). **Sujeito e linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 117-131.

INDURSKY, Freda. Estudos da linguagem: língua e ensino. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28637>. Acesso em: 11 nov. 2025.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa, (Orgs.) Escrita Feminina / Écriture Féminine. **Dicionário da crítica feminista**. Porto: Edições Afrontamento, 2005.

MARIM, Caroline. Escrita Feminista, por uma escrita viva e que nos mantenha vivas. In: Claudia de Oliveira. (Org.). **Mulheres na História: inovações de gênero entre o público e o privado**. 1ed. Petrópolis: Editora Literar, 2020, v. 1, p. 285-303.

MITTMANN, Solange. Alguns apontamentos sobre militância digital. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele S.; SCHONS, Carme R. **Discursos em rede: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço**. Recife: Editora Universitária, UFPE, 2011. p. 119-139.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2008.

PAVAN, Paula Daniele. A cultura digital como acontecimento: movimentos na rede dos sentidos. **Tese de Doutorado**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169945>. Acesso em: 11 nov. 2025.

PAVAN, Paula Daniele. Um olhar discursivo sobre o Coletivo Escrevientes: escrita e resistência em rede. In: Fernando Silva Santor; Nola Patricia Gamalho; Sara Alves Feitosa; Simone Barros de Oliveira. (Org.). **Investigações na e sobre a fronteira: a pesquisa no campus São Borja**. 1ed. Bagé: Editora da Unipampa, 2023, v. 1, p. 140-154. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/clpsaoborja/files/2023/11/investigacoes-na-e-sobre-a-fronteira-ebook-unipampa-13-11.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2025.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Campinas: Pontes, 2021.

PÊCHEUX, Michel. [1975] **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel. [1982] Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni. P. et al. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2010. p. 55-66.

TAYASSU, Catitu. Escrita feminina [verbete]. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs.). **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019, p. 213-218.

SLETSJØE, Anne. Vale Abraão – uma narrativa feminina, ou feminista?. **Romansk Forum**, n. 19, 2004. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30813673.pdf#page=37>. Acesso em: 26 ago. 2025.

SARDINHA, Beatriz. Coletivos literários funcionam como ferramentas de inserção no mercado editorial. **PublishNews** (online). 22/09/2023. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2023/09/22/coletivos-literarios-funcionam-como-ferramentas-de-insercao-no-mercado-editorial> . Acesso em: 19 mai. 2025.

Recebido em: 27 de maio de 2025

Aceito em: 27 de agosto de 2025
